

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação- Formação Intercultural de Educadores Indígenas
Ciências Sociais e Humanidade

Edleuza Alves dos Santos

**Produção de Artesanato feito do Pati
na Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha**

Belo Horizonte

2017

Edleuza Alves dos Santos

**Produção de Artesanato feito do Pati
na Aldeia Indígena Pataxó Coroa Vermelha**

Monografia apresentada ao curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Ciências Sociais e Humanidade.

Orientador: Prof^oDr^o. Edgar Rodrigues Barbosa Neto

Co-Orientadora: Arissana Braz Bomfim de Souza

Belo Horizonte

2017

DEDICATÓRIA

Dedico todo meu esforço e conquista da minha monografia especialmente para meus dois filhos Ektxiamini Alves dos Santos e Niaktxewã dos Santos Gomides, que tantas vezes choraram na minha ausência, mas nunca deixei que pensassem que eu não os amasse pelo fato de estarmos longe.

Dedico também a meu esposo Jose Nunues Gomides (em memoria) por ter feito parte da minha vida sempre do meu lado me dando incentivo para que eu chegasse onde cheguei, infelizmente não foi possível terminar minha monografia com você do meu lado meu amor, mas sei que onde estiver estará feliz torcendo por mim e pelos nossos filhos. Sou muito grata por tudo que vivemos juntos.

Dedico especialmente para meus pais Maria da Paixao Graciano Alves e Abdias Alves dos Santos por fazer parte da minha vida e dos meus filhos me dando suporte nessa caminhada. Amo todos vocês do fundo do meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por estar sempre comigo iluminando meus passos e ter me dado saúde e força de vontade para que não desistisse dos meus sonhos, para chegar onde estou hoje.

Agradeço essa pessoa tão especial e guerreira que é minha mãe Maria da Paixão Graciano Alves que sempre me apoiou em todos os momentos da minha vida e na minha trajetória acadêmica, principalmente durante minha ausência em casa, cuidando dos meus dois filhos.

Sou muita grata a meu pai Abdias Alves (Dioca) por todo apoio, e por ter contribuído com seus conhecimentos para que meu trabalho chegasse a esse resultado.

Agradeço a meus dois filhos minhas joias preciosas Ektxiamani Alves dos Santos, que quando dei início no curso ela tinha apenas oito anos de idade, durante esses quatro anos me cobrava muito por não estar presente em seu aniversário justo no mês de maio, hoje já completando doze anos, fico feliz pela compressão por que a minha ausência foi por uma boa causa mais pensando neles dois, e o Niaktxewã dos santos Gomides tinha apenas cinco aninhos apesar de não compreender direito a minha ausência principalmente durante o módulo em Belo Horizonte, hoje já com nove anos, tive que tolerar a saudades dos meus filhos, chorava de cá eles choravam de lá, pedindo para que eu voltasse para casa, de qualquer forma todo sacrifício tem um bom resultado.

Quero agradecer a meu querido esposo Jose Nunes Gomides, que teve uma participação muito importante na minha vida de curso acadêmica durante esses três anos que ficamos juntos, onde me fez caminhar em busca dos meus objetivos me incentivando em base do companheirismo e respeito pela minha escolha, comecei meu primeiro semestre no curso de Ciências Sociais e Humanidades no Fiei em 2013 e no segundo semestre em 2014 começamos uma linda história de amor onde fomos muito felizes, só que sempre em uma história de amor, o tem um final feliz ou triste e a minha teve um final muito triste, já terminando meu curso eu perco meu esposo no dia 25 do mês de março de 2017 em acidente de moto, ele não resiste e vem a falecer, de repente minha vida fica de cabeça pra baixo justo no final meu percurso, busquei ser firme e me apegando com Deus para que pudesse dá conta de concluí minha monografia e graças a Deus deu tudo certo, infelizmente ele não ficou para ver o resultado de

um trabalho que também fez parte, mais acredito que onde estiver estará feliz vendo a minha felicidade de um esforço muito grande para chegar a um bom resultado na qual torcia muito, estou triste por não te - lo ao meu lado, por outro lado estou feliz por consegui vencer essa batalha que não foi fácil.

Agradeço a meus irmãos: Awoi, Noêmia, Nega, Vagner, que foi um grande suporte no momento em que precisei.

Agradeço a minha amiga Vera Lucia que segurava as pontas durante um mês na minha ausência quando eu ainda trabalhava na escola da Jaqueira como merendeira.

Não posso deixar de agradecer a minha amiga Sirleide e minha cunhada Cirlaine pela força e palavras de incentivo que sempre me passaram fazendo com que eu não desistisse jamais dos meus objetivos.

Agradeço muito a minha amiga Wanza Gois pela força e as palavras positivas que me deu quando saiu o resultado do vestibular, quando eu já não tinha mais esperança aí foi quando ela dizia que ainda tinha chance na segunda chamada e foram tão forte as palavras dela que deu certo graças a Deus.

Sou muito grata a minha querida professora Arissana Braz Bomfim de Souza por ter me mostrado o caminho e o incentivo para dar início ao meu trabalho de pesquisa que talvez não seja tão fácil mas também não tão difícil, onde tivemos vários encontros nos quais co-orientou o meu TCC, como também fez parte do PIBID na orientação do memorial de infância. Agradeço a escola pataxó da jaqueira por me ceder a oportunidade de fazer o meu estagio.

Agradeço em especial a todas as pessoas que fizeram parte contribuindo no meu trabalho de pesquisa me passando o conhecimento, suas experiências onde eu pudesse colher informações importante sobre o artesanato feito da palmeira pati na aldeia Coroa Vermelha, sou muito grata mesmo a: o senhor Alberto Matos (pajé Itambé), Amilton Alves Santos(Kapimbará), Venâncio(Sui pataxó), Salete (Tainá pataxó), Abdias Alves dos Santos (Dioca), Maria da Paixão Graciano Alves, Domingos Rodrigues, Jocimar Carvalho (Cacique Siratã), Biranan pataxó, Kanatio pataxó, sem o conhecimento desses artesãos meu trabalho na teria um bom resultado, meu muito obrigado.

Agradeço a todas as pessoas da aldeia Mata Medonha pela boa recepção e carinho que nos proporcionou durante um intermódulo que aconteceu na aldeia. Principalmente a colega Maria São Pedro pelo carinho de nos receber em sua aldeia e em sua casa. Obrigado.

Deixo aqui meu agradecimento a minha querida tia Dajudinha e meu tio Nereu da aldeia Barra Velha que sempre me hospedaram em sua casa durante o intermódulo.

Agradeço o carinho da dona Fatima e o Bastião (os pais da colega Iraia) pela recepção com um belo almoço em sua casa na aldeia Bujigão para nós alunos e professores durante um intermódulo.

Agradeço carinhosamente a meu orientador professor Edgar Barbosa Neto pelo carinho e dedicação em me orientar neste meu trabalho de percurso, trabalhando juntos para um bom resultado. Carinhosamente aweri.

Meus agradecimentos ao bolsista Guilherme Marinho pela dedicação em me ajudar nessa reta final de finalização para conclusão deste trabalho, obrigada.

Obrigado a todos os professores do FIEI que durante esses quatro anos estiveram em sala de aula nos passando trocas de conhecimentos que levarei comigo na minha vida pessoal e profissional tudo que aprendi. Sou muito grata pelo grande aprendizado que adquiri com vocês. Obrigada a todos os bolsistas que tiveram conosco em sala de aula. Meus agradecimentos principalmente a nosso coordenador Paulo Maia. Aweri!

Obrigado a todos os (as) meus (minhas) colegas da área de Ciências Sociais e Humanidades Xacriabá e Pataxó pelas trocas de conhecimentos tradicionais e culturais que tivemos durante esses quatro anos de curso, cada um respeitando as diferenças do outro.

Agradeço carinhosamente as minhas companheiras amigas de todos os momentos, na qual criamos um vínculo muito grande de amizade onde dividimos o mesmo quarto desde o primeiro módulo em Belo Horizonte até o final do curso, minha amiga Aritana Braz Bomfim, Rosangela Braz, Maria São Pedro, a Iraia Guedes, Roberta Ponsada, Kaline Cunha, e também a Zilda Matos, Sivani, da turma da LAL que concluiu em 2016, nossa amizade continua assim agora para frente, cultivando cada vez mais, e só vou levar comigo momentos de alegrias durante esses quatro anos e só vai restar saudades, não posso esquecer da colega Cristina Tupiniquin sou grata pela nossa amizade.

Quero deixar meus agradecimentos a todas as lideranças indígenas que faz parte da vida acadêmica de nós estudantes indígenas da Universidade Federal de Minas Gerais.

RESUMO

Neste trabalho tenho como objetivo buscar entender as diferenças e mudanças nos últimos anos na relação do artesanato feito da madeira do pati na aldeia Pataxó de Coroa Vermelha, que fica localizada no extremo Sul da Bahia, destacando principalmente a resistência e o valor que a produção do pati tem para as famílias Pataxós que ainda vivem e que produzem os artesanatos feitos da madeira do pati para sua sobrevivência. Há alguns anos atrás o número de famílias que produziam o artesanato do pati era bem maior, atualmente são poucas as famílias que ainda trabalham com esta madeira. Então quero deixar registrados os processos de produção dos artesanatos feitos do pati que é uma palmeira que o povo Pataxó vem utilizando lá dos nossos antepassados. Minha intenção é deixar registradas as memórias e as vivências relacionadas a essa produção e sobre o pati, porque essa é uma palmeira que tem várias utilidades para o povo pataxó. Colhi informações através de conversas, entrevistas, observações com pessoas que produzem diretamente e aquelas que deixaram de produzir. Fazer este trabalho foi uma maneira de valorizar cada vez mais nossa cultura e costumes tradicionais que está presente em todo aspecto cultural Pataxó, e que este trabalho sirva de material didático para futuras gerações nas escolas Pataxó.

Palavra chave: Produção, Artesanato, Pati, Pataxó, Coroa Vermelha.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mapa de Coroa Vermelha

Imagem 2 - Maria da Paixão (minha mãe) confeccionando arcos/flechas com penas coloridas

Imagem 3 - Dioca (meu pai) tecendo Bajaú

Imagem 4 - Peixe assado na folha da Patioba

Imagem 5 - Tora do Pati

Imagem 6 - Ripa do Pati já limpa

Imagem 7 - Penas coloridas de anilina

Imagem 8 - Venâncio e Cosminha confeccionando artesanatos

Imagem 9 - Chocálhos de cipós e cócares de penas

Imagem 10 - Pajé Itambé

Imagem 11 - Salete em sua loja de artesanatos

Imagem 12 - Lança "Cruz de Malta"

Imagem 13 - Arcos e flechas (conjunto de 5 peças)

Imagem 14 - Espadas entre arcos e lanças

Imagem 15 - Burdunas naturais e tecidas com tala de Xandó

Imagem 16 - Canos substituindo bambus para porta-flechas (Bajaú)

Imagem 17 - Porta-flechas tecidos com talas e embiras coloridas

SUMÁRIO

Lista de Imagens.....	7
Introdução.....	9
CAPÍTULO 1: O PATI E O USO PELO POVO PATAXÓ.....	13
1.1. O PATI (palmeira)	13
1.2. O USO DO PATI PELO POVO PATAXÓ.....	14
1.3. O ARTESANATO DE PATI	18
1.4.MATERIAIS USADOS NA PRODUÇÃO DOS ARTESANATOS DE PATI.....	19
CAPÍTULO 2 : O ARTESANATO DE PATI EM COROA VERMELHA.....	23
2.1. PRODUÇÃO DO ARTESANATO DE PATI EM COROA VERMELHA (ANTES)....	23
2.2. O ARTESANATO HOJE – O QUE MUDOU.....	29
2.3. FAMÍLIAS QUE PRODUZEM.....	30
2.4. A PARTICIPAÇÃO DOS FAMILIARES NA PRODUÇÃO.....	32
2.5. A COMERCIALIZAÇÃO.....	33
2.6. OBJETOS.....	37
LANÇA:	37
ARCO ORIGINAL:.....	38
JOGO DE ARCO E FLECHA:.....	38
MACHADINHA:.....	39
ESPADA DE PATI:.....	40
BURDUNA:.....	41
Considerações finais.....	42
Referencias bibliográficas.....	46

INTRODUÇÃO

Sou Edleuza Alves dos Santos, pertencente à etnia pataxó, nasci na aldeia Barra Velha e atualmente moro na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha no extremo Sul da Bahia.

A Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha fica localizada no município de Santa Cruz Cabrália a 18 km de Porto Seguro BA na BR 367. Coroa Vermelha é considerada um bairro de Santa Cruz Cabrália. A aldeia esta dividida em duas Glebas: A e B. Na Gleba A fica Coroa Vermelha área urbana onde uma grande parte dos indígenas trabalha no comércio, hotelaria, pescaria e artesanato. Na gleba B fica a área da agricultura onde também as pessoas vivem do plantio de roça, e vendem seus produtos tirados da roça em um pequeno espaço em Coroa Vermelha onde todos os agricultores indígenas e não indígenas se encontram todos os sábados para comercializar hortaliças, legumes, frutas etc. Ao lado fica a Reserva Pataxó da Jaqueira com 827 hectares de mata atlântica onde há um trabalho de preservação ambiental, afirmação cultural e Etnoturismo.

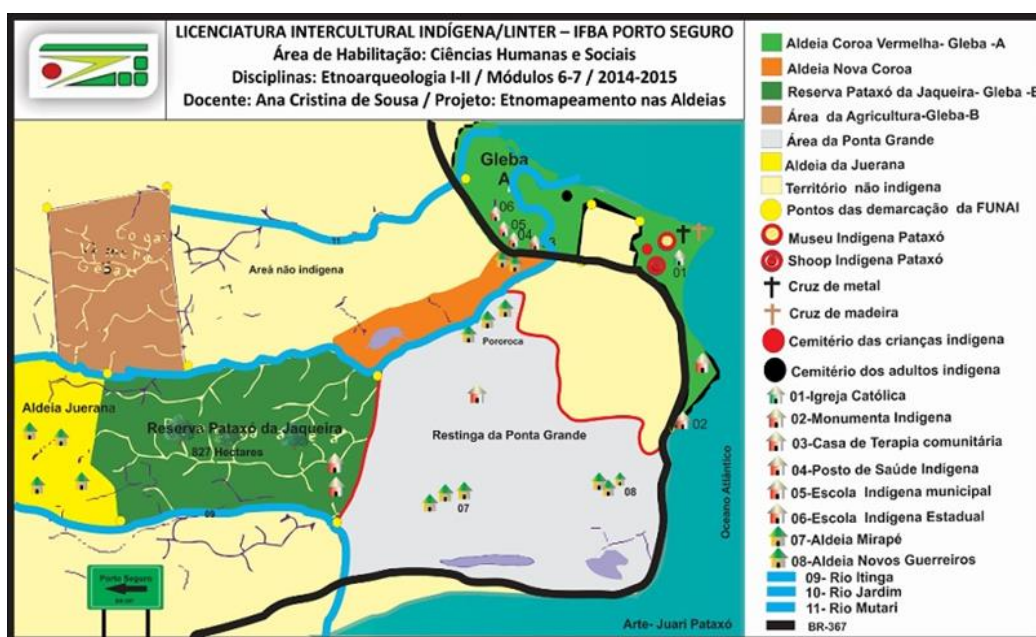


Figura 1 - Mapa da Aldeia de Coroa Vermelha / Fonte: Juari Pataxó, IFBA

Meus pais são artesãos há mais de vinte anos e o meu convívio familiar me fez fortalecer e me despertar ainda mais o interesse em produzir esse trabalho. Diante do meu trabalho de pesquisa venho cada vez mais a observar o trabalho dos dois na confecção do artesanato no dia a dia.



Imagem 2 - Maria da Paixão (minha mãe) confeccionando arcos e flechas com penas coloridas



Imagem 3 - Dioca (meu pai) tecendo Bajaú

Diante desse contexto referente a esse padrão de artesanato Pataxó feito da madeira do pati me despertou uma curiosidade e ao mesmo tempo uma preocupação em buscar entender o que fez com que as famílias que produziam deixaram de trabalhar com o pati. Escolhi esse tema também porque quero deixar registrado o valor e a importância que tem essas pessoas que ainda confeccionam os artesanatos mais antigos e que vivem exclusivamente desse trabalho, que é uma cultura que vem dos nossos antepassados.

É preciso observar que o artesanato é um meio de comercialização para o próprio sustento do povo pataxó. Hoje em Coroa Vermelha há uma variedade de artesanato que é comercializado que não são materiais indígenas, e no qual os materiais feitos pelos próprios parentes indígenas são bem poucos. Há alguns anos havia um número maior de famílias que trabalhavam com a confecção de artesanato feito do Pati, hoje são poucas famílias que ainda trabalham nessa produção.

Hoje na Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha os indígenas que não produzem mais os seus próprios artesanatos, preferem comprar dos parentes que fazem e dos não-indígenas que vêm de outras cidades para venderem outros tipos de artesanatos.

Este trabalho tem como objetivo buscar entender as diferenças e mudanças que vêm ocorrendo nos últimos anos na relação das famílias Pataxó com o artesanato feito da madeira do pati na Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha, principalmente a resistência e a importância e o grande valor que esses artesanatos têm para as famílias pataxós que ainda vivem e que produzem para sua sobrevivência. Descrevo o processo de fabricação que de alguma forma está ligado à cultura do povo pataxó, como, por exemplo, a lança (tacape), o arco e a flecha, entre outros objetos produzidos tanto para a comercialização quanto para o uso pessoal nos movimentos indígenas onde cada pataxó leva sua arma no caso a lança, o arco e flecha, também utilizados no ritual do awê.

Minha pesquisa foi desenvolvida através de conversas, observações e entrevistas com artesãos que trabalham diretamente com a madeira do pati e indiretamente que são aquelas pessoas que já não fazem mais o artesanato do pati, mas que não deixam de comprar de quem ainda produz esse material feito do pati. As pessoas que entrevistei, conversei e observei foram:

O Pajé Itambé. O senhor Itambé, nascido 1933, tem 83 anos e é um dos primeiros moradores da aldeia Coroa Vermelha há mais de quarenta anos, trabalhou muito tempo com

artesanato, é reconhecido no Brasil e no exterior como Pajé Itambé, deixou de trabalhar com artesanato e passou a trabalhar com as ervas medicinais. Atualmente ele se encontra meio debilitado devido a um problema de saúde. Mesmo em uma cadeira de rodas o pajé Itambé continua trabalhando em sua loja com as ervas medicinais que é o que ele gosta de fazer.

Kapimbará. Reside na aldeia pataxó Coroa Vermelha a mais de 28 anos. Tem 56 anos, é artesão e trabalha também com o material do pati e outros tipos de artesanato como gamela, entre outros. Além de artesão, Kapimbara desenvolve um trabalho de conscientização Ambiental tendo um projeto de reflorestamento dentro da comunidade onde possui um viveiro de plantas no qual se faz doação dessas mudas de varias espécies na própria comunidade.

Venâncio (Suí pataxó). Venâncio de 59 anos, artesão, trabalha produzindo o próprio artesanato do pati na aldeia Coroa Vermelha.

Dioca (Abdias Alves). Artesão da aldeia Coroa Vermelha que produz o próprio artesanato do pati.

Salete (Tainá). Uma grande mulher guerreira de 55 anos, artesã da aldeia Coroa Vermelha há quarenta anos.

Domingo Rodrigues. Trabalha com artesanato feito do pati na aldeia Coroa Vermelha.

Maria da Paixão. Índia guerreira, confecciona artesanato do pati.

Siratã pataxó (Jocimar Carvalho). Jovem guerreiro cacique da aldeia pataxó da jaqueira.

Este trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo falo do uso do pati tanto para fazer o artesanato como para o uso em outros contextos da cultura pataxó como também a utilidade da folha da patioba. O segundo capítulo, por sua vez, trata de como era antes a produção do artesanato feito do pati o que mudou atualmente na aldeia Coroa Vermelha, destacando a participação da família na confecção, como também a comercialização dos artesanatos da palmeira pati. Destaco, por fim, os modelos desses materiais produzidos do pati e suas diferenças na confecção dos objetos.

CAPÍTULO 1:

O PATI E O USO PELO POVO PATAXÓ

Nesse primeiro capítulo falo do uso do pati tanto para fazer o artesanato como para o uso em outros contextos da cultura pataxó como também a utilidade da folha da patioba .

1.1. O PATI (Palmeira)

O pati, “uma das palmeiras mais lindas do mundo”, é como o Americano Paul Craft, co-autor do famoso livro *Enciclopédia de Palmeiras Cultivadas* , se refere a essa palmeira do nosso Brasil. Nativa das regiões do Espírito Santo e norte da Bahia, pati ou patioba como é chamado popularmente, é uma elegante espécie cujos notáveis atributos ornamentais são a graciosa copa formada de curtas e arqueadas folhas verde escuro disposta verticalmente ao tronco em fase de crescimento que formam uma linda “copa vertical” o tronco delgado e liso branco-acinzentado e o rápido crescimento propulsionam o efeito desejado em pouco tempo. O nome científico do pati é *Syagrus Botryophora*.

Meu pai me contou que o pati, no seu conhecimento, tem um crescimento muito lento até chegar sua fase adulta no ponto de produzir artesanato. Ele até mencionou o exemplo de um pé de pati que tem lá na mata, na beira da estrada da Aldeia Juerana, dizendo que já tem mais ou menos uns cinco anos que ele deixou de morar na aldeia Juerana e que esse pé de pati já existia. E essa árvore do pati ainda está quase do mesmo tamanho, medindo mais ou menos dez metros de comprimento, e que essa palmeira vai crescendo de acordo com as palhas que vão ficando velhas e caem e vão surgindo outras folhas novas. Então ele vai crescendo sem que a gente perceba. Por isso meu pai afirma que o pati leva uns quinze a vinte anos até chegar a fase adulta. Mede aproximadamente de 18 a 20 metros de comprimento. Essa espécie nasce em mata fechada e também em mata aberta. Meu pai fala que é uma palmeira nativa também porque na mata o pati não é plantado. Primeiro nasce a patioba através dos pássaros que se alimentam dos coquinhos do pati e deixam os restos caírem pela mata. Então, através do coquinho da palmeira pati, vão nascendo outros pés de pati, sem contar que o casco do coquinho dessa palmeira é muito duro para quebrar. Dentro do coco tem uma massa branca

que a gente come, os pássaros e animais se alimentam da casca macia do coco quando está maduro.

O pati é uma madeira que não apodrece nunca. Tem até um trechinho de uma frase de Venâncio (nome indígena Suí Pataxó) em que ele diz: “Quando uma árvore do pati cai em cima de um jabuti, o jabuti morre debaixo da árvore, mas o pati não acaba nunca”. Dura para sempre.

1.2. O USO DO PATI PELO POVO PATAXÓ

Na culinária o uso pelo povo pataxó é no preparo do peixe assado que é conhecido como peixe na patioba. Como diz Seu Kapimbará, “Mukusuy Patiobô” (peixe assado na folha da patioba). O preparo é simples. Com o peixe já limpo é feito um corte nos lados e passado apenas um pouco de sal bem leve para não salgar, depois pega uma folha da patioba, limpa, põe o peixe na folha, enrola bem fechado e amarra com corda de cipó verde bem fina nas duas pontas e no meio, depois corta as sobras da folha e em seguida põe em cima do fogão de lenha aceso em fogo baixo. Está pronto para assar. Quando começar a escorrer um líquido é porque já está cozinhando com a própria água que sai do peixe que esta sendo abafado. Leva mais ou menos de dez a quinze minutos para ficar pronto.

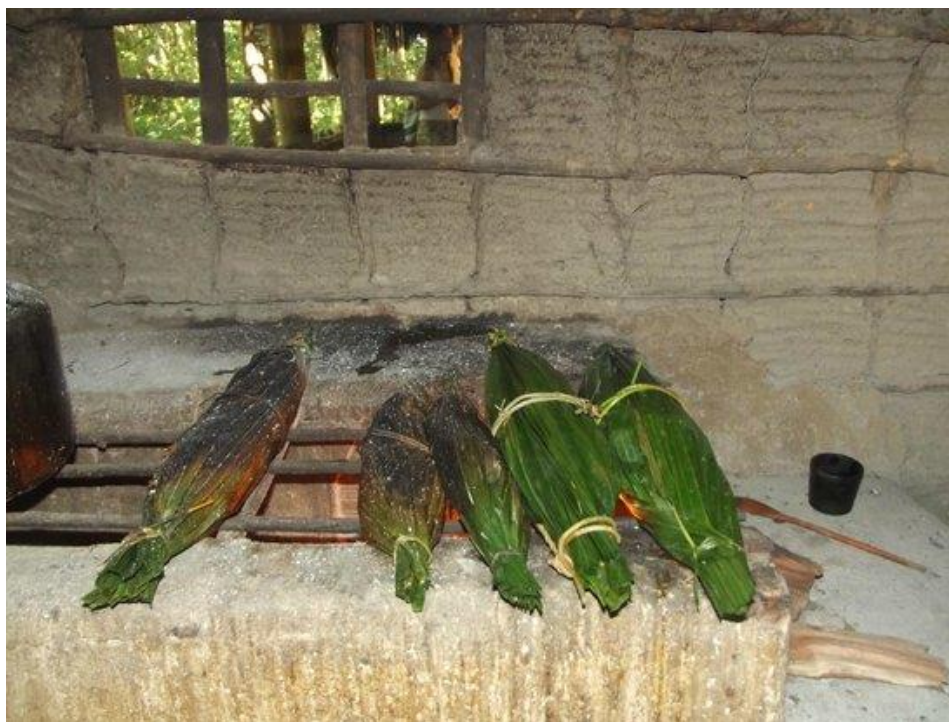


Imagem 4 - Peixe assado na folha da Patioba

A folha da patioba também serve para assar beiju feito da goma da mandioca. Para fazer o preparo do beiju da goma da mandioca tem todo um processo que não é tão simples assim. Primeira etapa: pega a mandioca raspa com uma faca para tirar a casca depois rala e em seguida coloca dentro de um saco de pano em pequenas quantidades aos poucos, molha a massa com um pouco de água e vai espremendo para sair a goma da massa (liquido que sai da massa) e separando a massa da goma em uma bacia ou gamela. Depois de tirada a goma é preciso deixar dormir uma noite na bacia ou gamela para a goma assentar no fundo da vasilha e no dia seguinte escorre a água, ate ficar só a goma pura. Para preparar o beiju põe-se um pano em cima da goma depois coloca-se uns dois litros de farinha em cima do pano e espalha para secar a goma, depois passa na peneira e coloca para assar a goma temperada com sal em cima do forno de fazer farinha. Depois de uma quantidade do beiju assado, pega o beiju novamente, ele já assado, e põe os ingredientes que é o leite do coco e açúcar. Mistura tudo novamente, pega a folha da patioba e põe o beiju na folha, fecha enrolando bem, como se fosse uma moqueca de peixe, amarradas as duas pontas da folha e no meio com corda da embira. Depois corta as sobras da folha e novamente fica pronto para ir ao forno em temperatura baixa. Para assar leva uns quinze a vinte minutos para chegar ao final do preparo do beiju de goma assado na folha da patioba. Esse é o processo do beiju de goma assado na folha da patioba contada por Maria da paixão Graciano Alves, moradora indígena da aldeia Pataxó Coroa Vermelha em 13 de Março de 2017.

A folha da patioba ainda pequena também é um instrumento que era usado pelo povo Pataxó para se comunicar na mata. Quando bate um pequeno pedaço de madeira no talo da folha da patioba provocando um eco muito alto em mata fechada. Essa era uma tática de comunicação que era muito utilizada antigamente entre os pataxós quando iam caçar.

Conversando com o Domingos Rodrigues de 57 anos, ele, que é uns dos moradores mais antigos da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, contou que nos anos setenta, mais ou menos, ele ainda era menino e nesse tempo as coisas não era tão fáceis, as pessoas que moravam na roça viviam de roça, pesca e caça. Naquele tempo ele gostava de caçar na mata com mais dois tios que moravam na Aldeia Pataxó Boca da Mata. E um dia ele se perdeu dos tios dentro da mata. E eles, toda vez antes de entrar na mata, combinavam de se comunicar através da folha da patioba caso se perdessem um do outro.

Domingos fala que se ele contar ninguém acredita, mais aconteceu de verdade. Um dia ele se perdeu dos tios e teve que usar a folha da patioba para se comunicar com eles. Cortou

uma folha da patioba e bateu com um pedaço de pau no talo da patioba sinalizando com o seu eco em mata fechada e o os tios também respondia sinalizando do mesmo jeito usando o talo da folha da patioba. Domingos afirma que o eco que sai do talo da folha da patioba dava para ouvir a quase dois quilômetros de distância em mata fechada.

Como já foi mencionada mais acima a folha da patioba é uma matéria prima que já foi muito utilizada pelos nossos antepassados em várias formas, atualmente ela continua sendo utilizada mais para assar o peixe, assar beiju de goma e também para decoração dos kijemi (casa) em momentos de festas e casamentos culturais indígenas nas aldeias pataxós.

Conversando com Kanátyo Pataxó, cacique da Aldeia Muã Mimatxi, ele disse que a folha da patioba ainda pequena tem uma função muito importante que é o desencantamento. Quando uma pessoa se perde dentro da mata, se a pessoa é espiritualmente ligada à natureza, é só dar um nó na ponta da folha da patioba que ela tem o poder de desencantar o encantamento da hamãy (caipora dona das matas e dos animais).

O encantamento da hamãy é quando a pessoa sai para caçar na mata e de repente perde o caminho certo de volta e fica desorientado, tipo meio abestalhado. Muitas vezes, na visão da pessoa, a impressão é que está no meio de uma mata bem fechada, mas na verdade a saída esta bem ali na sua frente. O desencantamento é quando a pessoa perdida na mata pela hamãy, pega uma folha da patioba e dá um nó na ponta da folha e o encanto se desfaz na hora e a pessoa encontra com facilidade o caminho de volta. Na verdade a pessoa não está perdida. Ela foi atraída pela dona da mata e dos animais.

Kanátyo afirma que antigamente a folha da patioba era bem usada como saco para guardar e transportar farinha para vender em outros lugares da aldeia. O saco era feito com as folhas da patioba colocando uma entre a outra. Depois colocava uma quantidade de uns vinte litros de farinha, era fechadas as folhas e amarrado nas duas pontas, no meio das folhas, como se fosse uma moqueca de peixe na folha da patioba. Além de carregar farinha servia para carregar caças. Também tinha uma grande utilidade como vasilhas domésticas.

Segundo Kanaty, o pati adulto era cortado em toras para fazer armadilhas para pegar caças. As ripas dessa madeira eram colocadas cruzadas uma na outra pra fazer a prensa para prensar a massa da mandioca para fazer farinha. Já as folhas da palmeira do pati puxam um vento refrescante. O pati atrai os pássaros e animais que se alimentam dos coquinhos quando estão maduros. Kanaty disse uma frase muito interessante: “A palmeira pati atrai os espíritos

do vento, dos animais, da natureza e da terra. Essa palmeira é uma ferramenta de grande importância na vida do pataxó”. Hoje o pati é usado de outras maneiras e está sendo bem devastado pelas pessoas que utilizam essa palmeira para ganhar dinheiro através dos artesanatos.

Na aldeia pataxó da Jaqueira, o povo Pataxó desenvolve um trabalho de conscientização ambiental, cultural e Etnoturismo, onde os jovens são preparados pelas lideranças para serem os guias indígenas dos visitantes. Eles vão dialogando passando os conhecimentos sobre a importância das árvores, dos pássaros e das armadilhas que eram usadas para caçar e contam histórias que foram repassadas pelos mais velhos e falam também a importância da patioba que tem uma grande utilidade na vida cotidiana do povo Pataxó.

Siratã Pataxó (cacique) também relatou que na aldeia da Jaqueira é feita apenas uma demonstração com a folha da patioba para o turista que vai visitar sobre como era a comunicação antigamente entre os nossos antepassados. Era uma forma que eles tinham para se comunicar um com o outro quando estavam caçando ou até mesmo quando perdidos dentro da mata. A folha da patioba eles ainda utilizam para fazer o peixe assado, que é a moqueca na patioba.

O pati adulto também era muito utilizado no passado para fazer cama, conhecida pelo povo pataxó como tarimba (cama feita da ripa da madeira) em algumas aldeias e em retomadas de terras. Sua madeira era utilizada também para fazer o arco e a flecha apenas para pescar e caçar pelos nossos antepassados, sendo esse um meio de sobrevivência. No decorrer do tempo a população indígena foi crescendo e por causa de algumas interferências, como a poluição e o desmatamento feito por pessoas não indígenas em volta das aldeias, as caças e os peixes começaram a desaparecer. A partir desse momento as famílias que viviam apenas da pesca da caça e agricultura começam a fazer artesanatos da madeira do pati para sobreviver e começaram a aprender um com o outro na confecção de vários tipos de arcos e flechas pataxós para que pudesse suprir suas necessidades.

O pati é uma palmeira que faz parte da vida do povo pataxó, é uma peça de grande valor que esta sempre envolvida de uma maneira muito presente na cultura pataxó, como na comercialização desses artesanatos dos grandes guerreiros pataxó. Mesmo com a espécie da madeira do pati sendo difícil de ser encontrada para trabalhar na produção do artesanato, o pataxó, que é um guerreiro e que luta pelos seus direitos e sobrevivência, jamais deixa seu

arco e sua lança, seja ela de pati ou de pau-d'arco (espécie de madeira), jamais deixa de se manifestar com seus objetos de defesa que são as armas indígenas.

1.3. O ARTESANATO DE PATI

O artesanato feito do pati é uma característica da cultura pataxó e na qual se faz o uso de sua madeira para produzir vários tipos de artesanato, como, por exemplo, a lança, o conjuntinho de arco e flecha (composto de cinco peças) que pode ser grande, pequeno com e sem enfeite de pena, a burduna, a machadinha pequena, o palito de cabelo, a colher de pau, a espada e vários outros artesanatos. A madeira do pati atualmente é usada por poucas pessoas indígenas da Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha. São mais ou menos umas dez famílias que vivem só da venda do artesanato do pati, porém há outras, em aldeias pataxós vizinhas, que ainda têm a prática de fazer artesanato dessa palmeira pati, além de fazer outros tipos de artesanatos com outros materiais.

No mundo em que a gente está a gente perdeu grande parte das nossas terras, e hoje somos obrigados a nos manter com o artesanato e aquelas pessoas que tem uma profissão podem trabalhar até de empregado. Há quarenta anos a gente começou a trabalhar com artesanato por falta de uma boa formação, a gente não tinha boa formação para enfrentar o mercado de trabalho, então fez com que algumas pessoas da comunidade trabalhassem com artesanato. O pati é uma palmeira. Ela era muito utilizada no passado, hoje nós perdemos nossas terras e a gente passou a ter dificuldade de usar mais essa palmeira, mas a palmeira pati ela era muito usada para fazer cama de tarimba no passado e também fazer arcos e flechas para usar apenas na caçada. Na medida que a gente foi perdendo nossos território a gente passou a ter dificuldade de fazer nossas armas. Há cinquenta anos atrás os nossos antepassados não precisavam fazer artesanatos para sobreviver, eles faziam seus artesanatos apenas para poder fazer sua caçada para se alimentar. Como eu que sou artesão, meu irmão Bené, Bilisco, Dito gordo, Dioca, Bernardo, Venâncio e outras pessoas que já morreram como Prejuízo, essas pessoas viviam e vivem sempre do artesanato. Hoje continuo fazendo do pati e do pau-d'arco" (uma espécie de madeira apropriada para fazer arco) .(Kapimbará, Aldeia Coroa Vermelha, 19 de julho 2016)

Como Kapimbará mencionou acima o pati foi utilizado nessas atividades e ele tem um crescimento muito lento. Então temos de ter o cuidado e observar que deveríamos está replantando essa palmeira hoje. Ele afirma ainda que é preciso pensar no amanhã porque em função da invasão e do desmatamento do homem com a natureza há dificuldade de encontrar o pati hoje. Talvez a gente não vá mais viver do artesanato, mas é muito importante plantar essas árvores para nós as conhecermos no futuro ou até mesmo para que nossos filhos e netos conheçam de que forma é o pati e suas utilidades. Permanecendo como está, a tendência é acabar.

1.4. MATERIAIS USADOS NA PRODUÇÃO DOS ARTESANATOS DE PATI

O pati segue todo um processo de extração e produção até o acabamento final dos artesanatos. Para fazer todo o trabalho bruto é preciso do uso das seguintes ferramentas: machado, facão e serra. O machado é usado para cortar bem no pé da palmeira do pati para ser derrubada e depois a árvore é cortada em toras com mais de um metro de comprimento. Isso quando não é levado da mata para casa em toras. Geralmente as toras são lascadas ao meio e têm o seu miolo todo raspado, deixando bem lisa em formato de pequenas ripas de quatro (4) palmos já no jeito de fazer lanças e arcos pequenos; e ripas de seis (6) palmos para fazer lanças e arcos grandes. O que é mais interessante no que pude perceber é que esses artesãos não usam régua ou fita métrica para medir o tamanho dos artesanatos, ou no caso o tamanho do arco e a lança a serem feitos, mas usam sim o palmo das mãos como uma forma de medição.



Imagem 5 - Tora do Pati

Depois das ripas do pati já limpas, é usada a serra para cortar fazendo os desenhos na ripa da madeira, para em seguida fazer então os cortes com o manuseio do facão, nos lugares que foram marcados. Com a serra, a lança fica mais trabalhada. A lança pode ser simples, mas

pode ser bem mais trabalhada com detalhes dos cortes na lança deixando um grafismo bem detalhado.



Imagem 6 - Ripa do Pati já limpa

Como já foi mencionado, a importância desses materiais usados na produção do artesanato do pati, como também as ferramentas usadas, Venâncio fala de outros materiais também usados no acabamento final do artesanato feito da palmeira pati.

... Aí vem mais coisa pra gente completar esse artesanato, vem a embira que é uma madeira também que tira da entre casca dela uma fibra que a gente faz uma corda trançada pra amarrar o arco e flecha e depois vem o xandó né pra

fazer o tecido, pra dá o acabamento do artesanato e aí é assim. E a pena, a tinta anilina que faz várias cores pra enfeitar o arco e flecha de pena colorida. E pra fazer o arco original a gente só enfeita a flecha de pena (entrevista com Venâncio, Aldeia Coroa Vermelha)

A embira é outra matéria prima muito utilizada para complementar o trabalho dos artesanatos. A embira é uma fibra extraída da entrecasca do tronco da madeira. É uma fibra que depois de colorida é usada para tecer o grafismo nos artesanatos, no bajau, arco, lança e também é utilizada para amarrar as penas nos mesmos, fazendo assim a decoração das peças. A embira natural sem tingimento é usada para fazer a corda que é colocada nos arcos.



Imagem 7 - Penas coloridas de anilina

É usada também a tala do coqueiro do xandó para fazer o tecido nos artesanatos e para dar um melhor acabamento. Para utilizar a tala do xandó é preciso retirar a parte mais achatada lascando no meio e raspar com a faca até ficar uma fibra fina. Tanto a tala como a embira podem ser pintadas com tinta anilina para dar um acabamento colorido nos tecidos dos artesanatos.

Eu estive na casa da família do Suír pataxó (Venâncio) da aldeia Coroa Vermelha, numa tarde em que ele e sua esposa Cosminha estavam confeccionando os seus artesanatos em casa. Venâncio, logo quando cheguei, estava no fundo do quintal lascando tora de pati para fazer os arco e flechas e sua esposa estava enfeitando alguns arcos e lanças que já

estavam tecido. Fiquei observando e conversando com Cosminha, e logo Venâncio veio e se sentou se com a gente e começou a tecer um pequeno arco de pati. E comecei a explicar a eles qual era o objetivo da minha visita e esse momento já estava marcado com eles. Eles aceitaram e fui observando e conversando com eles e fazendo algumas perguntas enquanto os dois confeccionavam os joguinhos de arco e flecha.



Imagem 8 - Venâncio e Cosminha confeccionando artesanatos

Perguntei para Venâncio sobre o que é o pati e ele respondeu:

O pati no nosso conhecimento na cultura pataxó é uma palmeira nativa e ela dura até cem anos. Esses tipos de artesanatos que a gente tira do pati para vender e tirar a renda para o sustento da família para sobreviver, este artesanato dura muito tempo, dura para sempre. O pati é uma madeira que não dá cupim e passando um óleo de coco preserva cada dia mais a madeira. O pati a gente usa muito para fazer arco e flecha, tacape, o arco original é o que usa fora do tacape, antigamente era usado para caçar né, pescar, mas como hoje em dia não tem mais caça e não podemos caçar por causa da preservação, então a gente faz esses artesanatos para vender para sobreviver né do artesanato do pati e também a gente preserva tira só o maduro, o verde a gente não corta porque não serve para fazer artesanato porque ele tá muito verde. Então a gente que conhece o pati tira só o maduro e preserva o verde e é assim, o pati é uma palmeira nativa, ele não é plantado, agora a gente pode até plantar ele pra não acabar e tratar dele. Até ele crescer e amadurecer dura uns anos. E a gente que mexe com esse tipo de artesanato tem que pensar pra nossos filhos porque nossos filhos hoje em dia não sabem mais mexer com artesanato e muitos não quer mais mexer com artesanato e é assim né porque muitostêm o estudo outros tem o trabalho. De quinze anos pra cá alguns índios jovens quase não sabem fazer o artesanato, fazem, mas não sabem fazer muito, alguns que fazem também (entrevista com Venâncio, Aldeia Coroa Vermelha)

CAPITULO 2:

O ARTESANATO DE PATI EM COROA VERMELHA

2.1. A PRODUÇÃO DO ARTESANATO DE PATI EM COROA VERMELHA (ANTES)

Alguns anos atrás havia um fluxo maior de pessoas que fabricavam o artesanato da madeira do pati. Era uma facilidade de ver as famílias trabalhando, os filhos ajudando os pais produzindo seus artesanatos em casa, no quintal de casa, parecia até que era combinado todo pessoal juntos trabalhando na confecção do artesanato. Era uma coisa tão bonita de ver e não tinha hora para confeccionar o artesanato. Era durante o dia e também à noite. Recordo muito bem que nesse tempo não tinha energia elétrica na Aldeia de Coroa Vermelha, as famílias confeccionavam os artesanatos na claridade da luz de vela e candeeiro a querosene, iam até tarde da noite trabalhando na confecção desses artesanatos para serem vendidos no dia seguinte.

Nesse tempo, eu tinha uns dez a onze anos mais ou menos e já ajudava meus pais nos afazeres domésticos e também na confecção do artesanato. A gente se sentava no piso da sala da casa, que era de barro, casa de taipa coberta de plástico e palha de coqueiro, a noite meu pai e meu irmão mais velho teciam os arcos, lanças e o bajau de bambu (porta flecha). Eu e minha mãe ficávamos na parte do enfeite dando o acabamento com as penas coloridas, nós ficávamos até mais tarde da noite trabalhando nos artesanatos na claridade da luz de vela para vender no dia seguinte.

Nesse tempo era tão bom o fluxo de turismo que nós não tínhamos preguiça de ajudar nossos pais, principalmente no período de férias ou horário oposto ao da aula. Eu e mais dois irmãos estávamos sempre ajudando nossos pais. Quando era no dia seguinte, bem cedo, umas sete ou oito horas da manhã, começava a chegar um dois, três ônibus cheios de turistas, e aí era uma correria de pessoas adultas e crianças na faixa de oito anos acima que corriam para o cruzeiro, que na época era assim que falava do local que ficava a cruz de madeira. Todos com

seus arcos e flechas nas mãos para vender, era uma alegria enorme e vendia mesmo. Durante o dia meu pai produzia os artesanatos. Era a parte mais trabalhosa e pesada, que é lascas e limpar as ripas para serrar e deixar no jeito de fazer as lanças, os arcos e as flechas para depois tecer com tala de xandó e a embira. Esse foi um aprendizado muito importante que foi passado dos meus pais que vou levar para o resto da minha vida.

Perguntando a meu pai de onde ele tirava a madeira do pati para fazer artesanato, mais ou menos no ano de 1989 quando nossa família veio para a aldeia Coroa Vermelha, ele disse que o pati era tirado da mata da Aldeia Mata Medonha. Eram ele e o meu tio Venâncio que iam até lá e tiravam as toras de pati de mais de um metro de comprimento. Nesse tempo, a família maior que morava lá era a do seu Antônio Máximo e da finada dona Isaura, o Venâncio como era genro deles então facilitava a ida do meu pai e ficava na casa da dona Isaura por alguns dias para tirar o pati.

Meu pai me contou e eu fui me recordando também junto com ele. Nesse tempo, na Aldeia Mata Medonha não tinha estrada para carro, o único meio de transporte era de canoa pelo rio até o povoado de Santo Antônio. Da aldeia, eles tinham um pequeno barco que fazia o transporte marítimo até Coroa Vermelha. Então o meu pai e o meu tio Venâncio traziam as toras de pati de barco. Meu pai ainda disse que quando eles não iam tirar o pati na Mata Medonha, o Orlin, filho de dona Isaura, é que tirava e trazia o pati para vender a eles em Coroa Vermelha.

Nessa época o fluxo de artesanato diferente variava muito pouco. Uns dos artesanatos que vendiam bem eram as gamelas e colheres de pau produzidas de outras madeiras diferentes. Os artesanatos que eram mais produzidos e que eram mais comercializados eram os arcos e flechas, feitos do pati, em todos os formatos com enfeite de pena de galinha, além de outros artesanatos como os leques e chocalhos feitos de raiz do mangue e cipó que era produzido por quatro pessoas mais velhas da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, as quais hoje já não se encontram em nosso meio. Essas pessoas produziam com esses materiais e vendiam dentro da própria aldeia para os parentes colocarem os enfeite de pena e revenderem para o turista.



Imagem 9 - Chocálhos de cipós e cócares de penas

Havia também com enfeite de pena colorida o conjunto de tanga de taboa (fibra que dá no brejo) composta de cinco peças que é a tanga, bracelete tornozleira, cocar e o colar. Mas o foco maior eram os artesanatos de pati, que eram muito produzidos pelo povo pataxó. As peças de pati que mais circulavam na aldeia eram a machadinha, lança grande e pequena e jogo de arco flecha composto de cinco peças.

Acredito que antes a aldeia Coroa Vermelha, mesmo estando ao lado de uma área urbana, não se compara ao que ela é hoje. Os parentes indígenas pataxós que aqui já viviam não tinham emprego, até porque o meio de buscar a renda familiar para o seu próprio sustento sempre foi o artesanato. Naquela época não tinha tanto comércio e nem a hotelaria que tem hoje.

O artesanato feito da madeira do pati era o que mais se via em Coroa Vermelha entre as famílias indígena pataxó. Antes a população indígena era bem menor e essas famílias se dedicavam mesmo à produção dos artesanatos. Esses artesanatos do pati eram feitos pelos próprios artesãos indígenas e eram vendidos em barraczinhas feitas de palhas de coco. Muitas vezes esses artesanatos eram vendidos em barracas de praia diretamente para o turista. Quando chegavam os ônibus de turismo e carros pequenos todos iam vender o seu

artesanato, que eram bem vendidos no varejo para o turista. Acredito que a nossa cultura e o artesanato antes era bem mais procurado pelas pessoas que vinham visitar a aldeia e comprar o artesanato indígena.

Antes não tinha tanta concorrência com outros artesanatos até porque a concorrência era só entre as famílias mesmo que produziam o artesanato do pati. O fluxo de turista era muito. Eles vinham à procura de conhecer a cultura indígena além de comprar o artesanato feito pelo próprio índio. O turismo em Coroa Vermelha, tanto na alta quanto na baixa temporada, a diferença era bem pouca na venda dos artesanatos.

De qualquer forma, novos contextos no espaço foram se desenvolvendo e novas relações com os modos de vida das pessoas com o crescimento da população indígenas e não indígenas em volta da aldeia foram se multiplicando e ainda mais com as tecnologias depois da chegada da energia elétrica dentro da aldeia. Isso foi fazendo com que a maioria dos artesãos começasse a constituir outros modos de sobrevivência, substituindo seus conhecimentos e saberes por novos conhecimentos, novas experiências de trabalho e assim as coisas foram se modificando dentro da aldeia.

Antes a maioria das famílias não tinha emprego fixo dentro e fora da aldeia, pois ela não era tão desenvolvida na questão do mercado de trabalho. As pessoas, digamos assim, mais velhas, não tinham a leitura para enfrentar um mercado de trabalho. Então o único meio de sobreviver era o artesanato, feito em geral por meio de seu próprio conhecimento, que era passado de pais para os filhos, através da prática e dos ensinamentos. Quem não sabia confeccionar e dar o acabamento nos artesanatos feitos do pati, podia aprender rapidinho porque os grandes mestres do saber estavam ali para ensinar.

Venâncio aponta que um dos primeiros caciques e artesãos em Coroa Vermelha foi o pajé Itambé. Disse que o artesanato já existia. Mas Itambé, que trabalhava com artesanato de arcos e flechas, foi então aprendendo e eles começaram a fazer vários tipos de artesanato e não pararam mais.

Bom uns dos primeiros índios que começaram a fazer artesanato de pati e com pena de galinha aqui na aldeia Coroa Vermelha foi Itambé que antigamente foi o primeiro cacique, quer dizer todos trabalhavam com artesanato né, mas eu digo assim artesanato de arco e flecha né, começaram a aprender e começaram a fazer né. Mas já existia artesanato por que se não existisse olhe aí. Esse que estamos fazendo agora, a gente foi aprendendo, só não me lembro do ano que começou o trabalho do artesanato do pati aqui na

aldeia, deve ter uns cinquenta anos ou mais por aí...aí a gente vai fazendo vários tipos de artesanato agora né aprendendo mais e não podemos perder nossa cultura pataxó (entrevista com Venâncio,Aldeia Coroa Vermelha)

Meu pai disse que aprendeu a fazer artesanato quando era rapaz, na aldeia Barra velha com o tio Adaliço (hoje falecido). Depois casou com minha mãe e foi morar fora da aldeia, trabalhava em roça nas fazendas, e veio para Coroa Vermelha em 89, dando continuidade ao aprendizado dos arcos e flecha. Meu pai disse que aprendeu ainda mais a fazer lança flechas e lanças e outros artesanatos observando o cunhado Venâncio que já trabalhava com esses artesanatos e até hoje vive deles. Meus pais trabalham com esses artesanatos há mais de vinte cinco anos na aldeia de Coroa Vermelha.

O artesanato, por falta de mata com muita caça, de um rio farto que não tinha mais, os índios passaram a ter dificuldades de comprar roupa sabe, de comprar algumas coisas pra família, e então começaram a produzir o artesanato em Barra Velha com buzinho (búzio pequeno que geralmente é mais encontrado onde há porções de lama na parte rasa de água na praia). A partir desse momento, começaram a fazer colar de búzio. O artesanato surgiu de acordo com a necessidade, de 51 pra cá, na década de setenta aí já começou com semente de mata-paço,ti-ri-ri-quim (plantas que dão pequenas vagens de sementes) e samambaia (espécie de planta do mato), e foi então evoluindo até chegar hoje com madeira... Veio o pati, e a maioria dos índios hoje vivem do artesanato, ele vivem do artesanato não só do pati. Quando eu falo do artesanato hoje, de muito pouco, o pouco que eu falo assim o índio trabalhando, mas assim Coroa Vermelha hoje ela expandiu muito quando eu falo de artesanato é a diversidade enorme desde bijuteria, roupa, chapéu, canga, esses são vendidos, mas não são do índio. Nós índios é que trabalhamos com madeira, não é do nosso gosto trabalhar com madeira, mas é de acordo a nossa formação. Pra você entrar no mercado de trabalho e poder ganhar um bom salário pra sustentar sua família você tem que ter qualificação para enfrentar um mercado de trabalho e isso não é todos que tem. E esse é o meu caso, eu não tinha formação e me forcei a trabalhar como artesão porque ganho até muito mais do que se fosse viver de empregado. Hoje nem todo mundo trabalha com artesanato de madeira. A maioria vive de outros artesanatos. (Kapimbará pataxó)

Kapimbará, por sua vez, fala que por falta de mata com muita caça e um rio farto, por necessidade o povo pataxó começou a produzir colar de buzo, samambaia, tiririqui. Só depois, de acordo com as dificuldades, começaram a trabalhar produzindo artesanato do pati, que até expandiu variedades de artesanatos hoje, além de outras diversidades de matérias.

Domingo Rodrigues, que é artesão há mais de trinta anos e vem trabalhando na produção do artesanato feito da palmeira pati, conta que a fibra da embira, antes quando o índio não tinha ideia de comprar essas tintas que pinta a embira, era pintada com o caldo da murtinha que é uma frutinha que, quando madura, fica pretinha e também com a casca do caju. Era assim que se pintava a fibra da embira para fazer o tecido colorido do artesanato. O artesanato feito do pati é uma arte pataxó cultural que nunca caiu e temos que cada vez mais buscar valorizar e não deixar que seja esquecida.

Afirmou ainda que o pati esta cada vez mais difícil de encontrar para produzir o artesanato. Trabalha há mais de trinta anos como artesão e diz ficar preocupado, ele e os outros parentes que vivem do artesanato feito do pati, pois o Ibama proibi que a palmeira de pati seja tirada. Fala do Domingo Rodrigues: "Mas temos que ver por esse lado, na questão do pati temos que preservar mesmo se não vai acabar mesmo". "E as pessoas que vive desse artesanato, vão fazer o quê?" Ele disse que comprou umas toras de pati com um rapaz da Aldeia Mata Medonha para fazer umas lanças e arco e flecha para vender no atacado só com o tecido com a tala do xandó e a embira pintada de anilina sem enfeite de pena. As toras do pati foram cedidas de um fazendeiro vizinho da aldeia Mata Medonha.

Porque a cultura do índio era fazer o artesanato né, a cultura dele era fazer artesanato, pescar, caçar, mas como o índio não pode caçar mais por que não tem caça né, agora tem que preservar né, agora só pesca. E o artesanato é a nossa cultura, e fazer o artesanato a gente não pode parar, para não perder a cultura pataxó. Nós somos os primeiros brasileiros, do mundo somos nós índios (entrevista com Venâncio, Aldeia Coroa Vermelha)

Nós povos indígena pataxó somos de uma característica diferencial. Temos o dom da sabedoria e conhecimento tradicional da nossa cultura, quero dizer que somos criativos na produção do nosso próprio artesanato pataxó, adereços, musicas e danças culturais.

2.2. O ARTESANATO HOJE – O QUE MUDOU!

Atualmente houve uma mudança muito grande em relação à produção do artesanato. Hoje, dentro da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, quase não se vê mais famílias trabalhando assim como já foi mencionado, principalmente os filhos já não são prestativos nos afazeres do artesanato. Pelo que percebo, famílias que ainda produzem o artesanato feito com o pati hoje preferem confeccionar os artesanatos mais no período do dia. Vou dar um exemplo dos meus pais, que preferem trabalhar mais durante o dia e não à noite. O meu pai conhecido por Dioca e minha mãe Maria me disseram que não trabalham mais à noite porque já não tem mais as vistas tão boas assim como antes. Apesar de hoje ter energia elétrica eles disseram ainda que às vezes até confeccionam alguns artesanatos, mas não ficam tão bem feitos como quando fazem de dia.

O artesanato hoje tá devagar, devagar mesmo. Teve uma mudança muito grande, mas porquê? Mudança porque não tem pessoas que interesse a inventar como é que trabalha com o artesanato. Você trabalha, você faz uma peça eu faço outra do jeito que você faz eu também faço, a mesma peça que você faz é a mesma que eu tô fazendo e aí pra o camarada levar você tem que fazer a peça mais bonita do que a minha, que é pra os caras engrajar e levar o seu e eu vendo se tiver sorte se não tiver é só você que vende bem mais, do jeito que você faz uma peça eu faço também não tem graça... a característica do artesanato tá perdendo porque você vai aí você não vê uma loja cheio de artesanato só vê mais é roupa. Índio não faz roupa e acho que isso não leva vantagem pro índio não, ele só tá perdendo. Quanto mais dia ele vai perdendo, mais a cultura dele que ele não faz, ele compra. E esses negocio de roupa, camisa, calça, roupa de mulher nunca ouvir dizer que o índio fizesse nada disso, eu mesmo nem faço e nem sei como é que faz. E o que mais tem ai é coisa de lá da cidade, tem que aprovar coisa de dentro da aldeia e não lá da cidade e ai vai perdendo o direito... Qualquer coisa que você fizer na aldeia, o que seja bonito ou feio, se fizer bonito tá bonito se fizer feio tá bonito, porque o cara vai dizer que foi o índio que fez. Aí parece que é feio, mas não é feio, é bonito. E igual a dança se não botar a meninada pra ir brincar, dançando, fazendo os trabalhos agora que tão todo podendo trabalhar, podendo mostrar sua cultura isso é como se tivesse uma condição de tá na escola aprendendo alguma coisa. (Pajé Itambé, Aldeia Coroa Vermelha, 16 de julho de 2016)

Achei muito interessante a fala do pajé Itambé na qual ele relata as mudanças por parte das pessoas que não se interessam mais por trabalhar, por inventar o seu artesanato. É uma característica pataxó que esta se perdendo em nossa cultura.

Já Soares (2016) traz em sua monografia uma relação de sobrevivência de algumas pessoas indígenas que ainda resistem a uma renda que hoje não é mais como anos atrás, devido à aldeia estar dentro de uma cidade litorânea.

A aldeia atualmente encontra-se de uma forma bem mais urbanizada, devido a sua localização numa cidade turística e litorânea. Alguns dos indígenas que sobreviviam à base da pesca e do artesanato, ainda continuam, mesmo não tendo uma renda, igual tinham há seis anos.(SOARES, 2016, p.14)

2.3. FAMÍLAS QUE PRODUZEM

Venancio fala que são poucas as pessoas que produzem o artesanato do pati, no caso os arcos e flechas que muitos já não sabem fazer mais. Outros, por sua vez, já lidam com tipos diferentes de trabalho.

Aqui em Coroa vermelha as famílias que produzem artesanatos de almeira pati são poucas pessoas, acho que mais ou menos umas cinco famílias né que trabalha com esse artesanato do arco e flecha, que muitos trabalham mas o arco e flecha já não sabem fazer mais né já compram na mão de quem sabe fazer, poucas famílias sabem fazer o arco flecha agora, e quem era artesão que fazia também anos atrás já não pratica mais esse trabalho com o pati deixou de lado e vive de outro tipo de trabalho (Entrevista com Venâncio)

Um dos primeiros moradores indígenas da aldeia Coroa Vermelha foi Itambé, mora há mais de 40 anos ali. Foi um dos caciques que lutou pela demarcação das terras indígenas, principalmente o território de Coroa Vermelha para que passasse a ser aldeia. Foi e continua sendo um grande artesão e passou seu conhecimento de arte cultural e tradicional para o seu povo pataxó. Hoje não produz mais o artesanato de pati. Em entrevista relatou:

Deixei de trabalhar com o artesanato do pati porque pra mim ficou difícil porque eu perdi uma perna e não pude ir pro mato buscar pau e se eu trouxesse pra mim aqui eu tinha que tá num lugar reservado daqui de dentro de casa pra poder trabalhar, e sem a perna não dá pra eu andar. Aqui dentro de casa eu ando porque tô na cadeira de roda, mas sair lá pra rua, sair lá pra cabana para debaixo dopé de amendoeira que era ali pra mim trabalhar lá debaixo ficava difícil e aí eu achei como mexer com ervas naturais tratar da área de saúde eu fico em casa e fico trabalhando e aí eu faço dentro de casa (Pajé Itambé, Aldeia Coroa Vermelha).



Imagem 10 - Pajé Itambé

As famílias indígenas que ainda confeccionam os artesanatos mais antigos são pouquíssimas, até porque o Pati, a embira e a tala do xandó (coqueiro) estão cada vez mais difíceis de serem encontrados. Essas matérias primas, que antes era encontradas em volta da aldeia (na Mata), hoje quase não vemos mais. Algumas pessoas que ainda produzem compram as toras do pati de pessoas de outras regiões para produzir seu próprio artesanato.

Todas essas matérias primas estão difíceis mesmo, como já venho relatando. E Kapimbará acaba de confirmar que, quando se trata do pati, ele é comprado de outras pessoas.

Hoje eu compro o pati dos caras que trabalham nas fazendas, sabe porque nós não temos terras, a terra que temos é a reserva da jaqueira mas não podemos tirar. E é obrigado a gente a fazer a encomenda, eles trazem as toras, esses caras compram na mão dos fazendeiros e traz pra gente comprar, o pati é daqui da região mesmo. (Kapimbará, Aldeia Coroa Vermelha, entrevista 19 de Julho de 2016).

Já para o meu pai, conhecido mais por Dioca, o pati está muito difícil e o jeito é encomendar também dos homens que trabalham em fazendas da região. Quando encomenda, às vezes, os homens trazem as toras do pati das fazendas de camionete até Coroa Vermelha ou então ele mesmo tem que pagar um frete para buscar as toras do pati. Quando não é assim, junta-se com o Venâncio e Bernardo, também artesãos, compram juntos, pagam e dividem o

frete. Essas toras de pati eles compram medindo o tamanho, com o palmo das mãos. Cada tora mede mais ou menos dez palmos.

Comprar o pati de outras pessoas é a única forma de dar continuidade na produção do artesanato, ate porque é o único meio de sobrevivência dessas pessoas que ainda trabalham com essa matéria prima.

2.4. A PARTICIPAÇÃO DOS FAMILIARES NA PRODUÇÃO

Estive com o Venâncio (Suin pataxó) em sua casa e lá fiz a minha entrevista. Ele e sua esposa Cosminha estavam confeccionando os artesanatos. Ficou ainda mais interessante porque tive a oportunidade de entrevistar e observar o trabalho dos dois ao mesmo tempo. Venâncio estava tecendo os arcos, as laças pequenas e o bajau (porta flecha) com a tala do xandó e com fitas da fibra da embira pintada de tinta de anilina. Dona Cosminha estava com várias sacolas plásticas com penas colorida também pintadas de tinta anilina. Enquanto Venâncio estava tecendo, Dona Cosminha estava dando o acabamento nos conjuntinhos de arco e flechas com enfeite de pena colorida usando as fibras da embira para amarrar as penas uma por uma no arco, na lança, no bajau (porta flecha). Depois de pôr as penas Cosminha usou também cola para colar as penas e a embira para não soltar.

Na entrevista perguntei a ele como é a fabricação a participação das crianças das mulheres da família em geral na produção do artesanato:

Antes as famílias e crianças trabalhavam mais e hoje produzem menos até porque as crianças e rapazes estão estudando outros trabalham sem ser o artesanato e somos só nós, mais velhos, que mexemos com artesanato e a gente faz o artesanato para sobreviver né até o dia que Deus der força pra trabalhar, eu fico só na parte da fabricação dos artesanatos o trabalho mais pesado e bruto, aqui em casa na minha família as crianças não faz, elas estuda e só uma netinha de seis anos ajuda enfeitando a lança (tacape), e as mulher aí fica só na parte do acabamento do enfeite de pena, essa parte do enfeite é de Cosminha e das meninas aí... (entrevista com Venâncio, Coroa Vermelha)

Percebi que na aldeia pataxó Coroa Vermelha, as famílias que ainda produzem esses artesanatos do pati já não contam mais com a participação dos filhos na confecção do artesanato dentro de casa. Vejo muito só os adultos no caso só o pai e a mãe trabalhando, essas famílias que ainda estão resistindo a esse artesanato seus filhos ajudavam quando eram a adolescentes que viviam dentro de casa com seus pais, só que cresceram casaram e tomaram

outro rumo na vida, cada um com sua profissão. Hoje essas famílias têm seus netos, mas eles já não têm o interesse de aprender a confeccionar um artesanato, talvez seja por falta de incentivo da própria família, ainda mais com tanta tecnologia onde a criançada já se envolvia com outras coisas como internet e de fato deixam de lado o que é importante de aprender.

Sandro Neves fala de uma coisa muito importante que é a ideia de que o artesanato faz parte de um conjunto de características e tradições onde a capacidade de produzir o artesanato fosse compartilhada na comunidade.

Assim, reprodução da ideia de que o artesanato faz parte do conjunto de características e tradições étnicas da comunidade precisa se apoiar na padronização das peças. Tudo se passa como se o conhecimento e a capacidade para produzi-las fosse homogeneamente distribuído entre todos na comunidade, como uma tradição compartilhada igualmente. (NEVES, 2011, p. 51).

2.5. A COMERCIALIZAÇÃO

Algumas famílias indígenas Pataxó de Coroa Vermelha que ainda vivem da fabricação e da comercialização do artesanato do pati sobrevivem da própria renda do artesanato, vendendo diretamente para o turista nas barracas de praias da região de Porto Seguro.

Eu mesmo faço o uso do artesanato para sobreviver né, é onde eu tiro a renda para o sustento da minha família. Os artesanatos que eu faço não vendo atacado, eu mesmo faço aqui minha arte e vou vender diretamente para o turista, aí eu moro aqui em Coroa Vermelha moro muito tempo na aldeia, mais trabalho no arraial d`ajuda. Trancoso lá onde tem mais movimento do turista né, lá é melhor de trabalhar, tenho vinte anos que trabalho lá, moro aqui em Coroa Vermelha, mas trabalho vinte anos lá de inverno a verão não tem dia não, é de inverno a verão e é assim o meu trabalho até o dia que Deus quiser (Venâncio da aldeia Coroa Vermelha)

Outros vendem no varejo nas suas próprias Lojas (ocas em formato redondo) na passarela do cruzeiro da aldeia de Coroa vermelha, construídas pelo Governo nos quinhentos anos. Outros fazem os artesanatos para venderem em atacado nasocas e também aceitam encomendas em quantidades para outros indígenas da própria aldeia. O artesanato também é procurado por pessoas não indígenas que compram em quantidades dos indígenas para comercializar na região de Porto Seguro e também em outras cidades.



Imagem 11 - Salete em sua loja de artesanatos

Observando as lojas de artesanatos na passarela de Coroa Vermelha encontrei com a dona Salete Pataxó (Taina) de 55 anos e suas duas filhas confeccionando artesanato em sua loja. A loja de dona Salete (Taina) me chamou a atenção porque é uma loja grande e sortida de vários artesanatos indígenas e totalmente colorida com materiais feitos pelos próprios indígenas. Não tem nada lá que seja feito pelo branco. A loja fica na passarela do centro do cruzeiro na aldeia Coroa Vermelha. Dona Salete trabalha e vive da renda do artesanato de pati e outros materiais há 40 anos. Ela conta que quando era casada, era o esposo quem fazia as lanças e os arcos e ela só dava o acabamento com enfeite de pena colorida. Depois que se separou, ela começou a comprar as lanças e os arcos feitos dos próprios parentes da aldeia, e começou a comprar outros tipos de artesanatos já no jeito de tecer e enfeitar com pena de galinha colorida. Sentei ao lado de dona Salete na sua loja e fiquei conversando e observando ela confeccionando zarabatana, usando linha encerada de varias cores e suas filhas ajudando, uma fazendo brinco de pena e a outra enfeitando os arcos e flechas com enfeite de penas coloridas. Disse ainda que mora sozinha, e então suas filhas, de vez em quando, vêm ate sua loja para dar uma ajudinha nos artesanatos. Segundo dona Salete:

Eu mesmo faço zarabatana, compro tanga de taboa (palha do brejo) e só faço enfeitar de pena. Compro trança da palha de Aricuri [fibra da folha de uma palmeira] para fazer cocar e enfeito de pena. Além dos arcos e flecha de pati, faço outros artesanatos para eu trabalhar. E fazer um trabalho bem feito gasto muito comprando pena, cola, tinta de anilina, linha encerada, embira. O artesanato faz parte da nossa cultura, se nós deixar de fazer esses artesanatos e não passar para nossos filhos aprenderdaqui um tempo vai se perdendo, meus filhos todos sabem fazer esses artesanatos, então o índio tem que cada vez mais, inventar outros tipos de artesanato porque tudo que o índio faz bonito os turista gosta e compra, tem branco fazendo já artesanato do índio porque aprendeu a fazer, tem índio deixando de lado a sua cultura e alugando as lojas e vendendo materiais do branco. O turista chega aqui e fala que queria ver índio e artesanato indígena, a gente é muito discriminada, aí tá cheio de lojas vendendo coisas de branco. Se o índio que ainda produz o artesanato com esses materiais feito do pati a pena, anilina, a embira e outros, se deixar de lado vai acabar se perdendo (Dona Salete, 16 de julho 2016)

Segundo Arissana Souza, em seu trabalho sobre os Adereços Pataxó, descrevendo sobre a comercialização, afirma que as famílias que se dedicam à produção artesanal em Coroa Vermelha vendem no atacado e varejo, tanto para os comerciantes indígenas quanto para não indígenas:

Estende-se a vários espaços, pois sendo uma atividade que rege a economia da maioria das aldeias, “obriga” os pataxó a se deslocarem com frequência para garantir a sua sobrevivência. São vendidos nas próprias aldeias e nas praias daregião, principalmente aquelas mais próximas, como as praias de Caraíba, Trancoso, Arraial da D’ajuda, Coroa Vermelha, Porto Seguro, Prado e Comuruxatiba. As vendas nas praias são mais frequentes no verão, quando há um fluxo maior de turistas na região (SOUZA, 2012, p.27)

Alguns indígenas ainda viajam para outras cidades, participam de eventos, levando outros tipos de artesanatos para ser comercializados em quantidades, além dos arcos e flechas de pati. Sempre na procura de melhoria da renda do artesanato.

Pelas informações que busquei, as cidades para as quais os pataxós costumam viajar para vender o artesanato em escolas, praças e em alguns eventos, são Belo Horizonte e também outras cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo, entre outras cidades em que tiverem oportunidade de expor seu artesanato. Costumam levar artesanato também em alguns eventos que acontecem em algumas cidades quando são convidados para participar, como os jogos indígenas que acontecem em Tocantins. Levam muitos e variados artesanatos.

Nessas viagens nunca vai a família toda, sempre vai a esposa, um filho ou o esposo e mais alguém da família. Há pessoas que ficam fora da aldeia por um mês, quinze dias, uma semana, dependendo do evento ou da viagem, e de quem vai por conta própria.

Como na aldeia Coroa Vermelha são poucas as famílias que comercializam o artesanato feito de pati, costumam vir outros indígenas que moram na aldeia Trevo do Parque, que fica próxima a Itamaraju. Eles também produzem o artesanato do pati e costumam vir de carro próprio para o estacionamento em Coroa Vermelha, onde é o ponto de venda no atacado para as pessoas que, não produzindo artesanato, compram para revendê-lo no varejo nas lojinhas para o turista.

A compra desses artesanatos de quem produz é uma forma de incentivo e também de não perder a relação com a cultura pataxó através desses artesanatos. Mesmo quem não produz, valoriza o trabalho de quem faz cada vez e o leva mais adiante.

Falar do artesanato em si é falar do aprendizado que obtive com meu pai e dá continuidade trabalhando com artesanato. Hoje como eu tenho já a loja de artesanato eu compro na mão de alguns. É tipo pra incentivar a eles fazer porque às vezes quando eu não tenho tempo assim eu já compro na mão de outros indígenas também pra eles não perder essa tradição, que eles vão vendendo e ter alguém que eles possam vender, que vende pra mim aí eu vou comercializar, vender também, porque se eu não comprar outros vão deixando o artesanato, e vão comprando outros tipos de coisas que não é da nossa cultura e aí vai acabando e se tiver alguém ainda tem que aprender, futuramente eu também tenho que passar para meus filhos também pra eles tá aprendendo e tá observando. (Ubiranan Pataxó, aldeia Coroa Vermelha 16 de julho de 2016, (filho do pajé Itambé)

Do meu ponto de vista o aprendizado de fazer esse tipo de artesanato que é os arcos e flechas trazem uma reflexão muito importante que vem lá dos nossos antepassados que são as referências dessas armas indígenas produzida pelo povo pataxó, que servia para caça, pesca e até mesmo como arma de defesa. E que até hoje são poucas pessoas que ainda estão resistindo em produzir seu material para sua sobrevivência, como o Ubiranan colocou mais acima se outros parentes comprarem de quem faz essa é uma forma de incentivar para não acabar com o artesanato feito do pati.

2.6. OBJETOS

- LANÇA

A lança do pati eu faço de vários modelos né faço cruz de malta, faço tacape tipo flecha, eu faço seis tipo de lança de tacape só do pati faço seis tipo, o tacape tipo flecha mais liso, faço cruz de malta, cruz de malta que a gente fala é o significado de Cabral né e outros modelo. E a gente tá aí né preservando nossa cultura pra não perder o nosso dia-dia da cultura indígena eu mesmo vou fazer 59 anos agora e tô feliz por isso né, trabalhei maior parte da minha vida com artesanato e trabalho ainda, vou trabalhar até o dia que Deus quiser por que esse é o nosso trabalho e só vou parar no dia que eu morrer.(Entrevista com Venâncio)

Essa lança de que o Venâncio fala é toda trabalhada no grafismo em formato da cruz de malta que os artesãos pataxós criaram na lança de pati através das caravelas das embarcações de Cabral. E assim foram dando e criando vários outros modelos de grafismo no artesanato.



Imagem 12 - Lança "Cruz de Malta"

Esses modelos de lanças são feitas delas pequena também, que são as que formam o conjunto de cinco peças nos arcos e flechas, que podem ser talhadas no grafismo, mas podem ser lisa e mais simples, que pode também ser vendidas separadas só a lança sozinha. Outro modelo é a lança grande de duas pontas talhada no grafismo que pode ser usada as duas pontas.

- *ARCO ORIGINAL*

A lança original é uma peça que não leva enfeite nenhum e é mais natural, totalmente diferente da lança cruz de malta. É feito da palmeira pati bem simples e todo roliço e liso, tem uma garra na ponta e não precisa tecer. Essa lança é conhecida mais por tacape, que é uma ferramenta que foi muito utilizada para pescar e caçar pelos nossos antepassados e servia também como arma de defesa. Hoje o tacape ainda é usado pelo povo pataxó, mas tem outras formas de uso. A lança tacape faz parte da competição das modalidades de arremesso de tacape nos jogos indígenas que acontecem nas aldeias pataxós. O tacape original também está sempre presente nos rituais e em grandes momentos culturais pataxós.

O arco e a flecha é a arma mais potente e de maior alcance que temos, podemos atingir um alvo de 15 metros. É também extremamente perigoso, e ainda mais perigoso se a flecha estiver envenenada. Era usado para esse envenenamento a nódoa da bananeira, o leite de uma espécie de sapo ou esporão da arraia. O veneno era adaptado na ponta da flecha e os nossos antepassados usavam essa arma para a guerra ou para caçada. (ALDEIA PATAXO DA JAQUEIRA, 2011, p.73)

- *CONJUNTO DE ARCO E FLECHA*

Esses arcos e flechas variam muito de tamanho, o conjunto de arco e flecha pequeno atualmente é mais confeccionado para ser vendido para turistas para decoração, é composto de cinco peças: a lança, o arco, o bajau (porta flecha) e duas flechas. Ele também pode ser composto apenas com o arco e duas flechas, como pode ser tecido usando a tala do xandó e embira e o enfeite de penas colorida pintada com tinta de anilina.

Também tem o conjunto de arco e flecha que chamamos de original que é o que não leva pena colorida, apenas o tecido natural com a tala e a embira somente as duas flechas que levam enfeite de pena grande natural de galinha caipira (pena da asa).

Há o arco e flecha grande (chamamos de conjunto grande) medindo um metro de comprimento composto de cinco peças. A diferença é só no tamanho. Esses arcos e flechas são mais para a comercialização. Ele também tem o mesmo processo do conjunto de arco e flecha pequeno a diferença é que a lança do jogo grande ele pode ser mais trabalhado digamos que a lança grande tem vários tipos de grafismo (conjunto quer dizer composto com mais de duas peças).

Esses arcos e flechas são produzidos mais bem trabalhados no colorido porque é apenas para vender para o turista para decoração, ele não serve para caçar na mata ate porque ele é mais pesado e cheio de detalhe.



Imagem 13 - Arcos e flechas (conjunto de 5 peças)

- *MACHADINHA*

Da madeira do pati é feita a machadinha medindo mais ou menos dois palmos. Ela pode ser tecida com a tala do coco de xando e a embira colorida e enfeitada com pena branca que é colorida ou natural de galinha caipira, como também pode ser original que quer dizer sem enfeite nenhum só com o tecido no cabo da machada. A machadinha é mais para ser vendido para decoração de parede. Mas atualmente quase não se fazem mais a machadinha até porque ela é um pouco delicada na hora de serrar e fazer o corte costuma quebrar muito.

- *ESPADA DE PATI*

A espada é uma ferramenta que pode ser comercializado apenas com o tecido com a tala do xandó e a embira no cabo onde se apoia a mão para segurar e sem enfeite nenhum, apenas a espada natural (que não leva enfeite de pena) ela é também um instrumento de uso pessoal nos rituais nos eventos culturais pataxó. É um objeto que serve mais para decoração.



Imagem 14 - Espadas entre arcos e lanças

- *BURDUNA*

A burduna no passado era a arma que o índio tinha em casa para se proteger de pessoas maldosas, é um instrumento que é usado pelos homens, ela serve tanto para vender quanto para o uso pessoal nos rituais e eventos como retomadas de terras nas aldeias ou em qualquer circunstancia necessária. A burduna tem um nome popular conhecida pelas mulheres indígenas pataxós, que a chamam de *amansa marido*. Segundo o ditado popular das mulheres, quando o marido chega bravo em casa, todo valente, é com a burduna que elas se defendem usando o *amansa marido*.



Imagem 15 - Burdunas naturais e tecidas com tala de Xandó

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é de muita importância por ter registrado e arquivado o valor que o artesanato feito da madeira do pati tem para o povo pataxó da aldeia de Coroa Vermelha, principalmente para aqueles que ainda produzem, pois são poucas famílias que ainda estão resistindo a essa cultura da característica pataxó. Alguns anos atrás havia um número maior de pessoas que fabricavam o artesanato com a madeira do pati.

O pati é uma madeira que é encontrada em uma espécie de palmeira da região. Anos atrás o pati era muito encontrado com facilidade pelo povo pataxó para fazer os artesanatos, e atualmente já está extinto na mata da região em volta da aldeia de Coroa Vermelha.

Além do pati, o povo Pataxó ainda trabalha com outras espécies de madeiras como o *pau d'arco*, *aderno*, *ara-pati*. Todas essas madeiras são usadas para a fabricação de artesanatos, além de outros tipos de artesanatos como a colher de pau e vários tipos de gamelas.

Como eu sou filha de artesãos, aprendi com meus pais a confeccionar esses tipos de artesanato que se refere ao pati e o enfeite de pena, posso dizer que sei fazer um pouco do que aprendi com meus pais e que venho observando no dia-dia de trabalho deles. Apesar das matérias primas estarem meio que desaparecendo, mesmo assim meu pai de vez em quando vai bem cedo, umas seis horas da manhã para a mata em busca do pati, ou da embira que é uma matéria prima usada também na confecção dos artesanatos e a tala do xandó que é tirada de um pequeno coqueiro que tem na beirada da praia. Esse é o trabalho principal dos homens.

A embira é uma árvore que leva quase o mesmo processo do pati. A diferença é que a embira é usada só a entre casca, que é a fibra, usada para fazer corda e para tecer e amarrar as penas na lança, no arco, porta flecha conhecido por Bajau (bambu).

Atualmente quem ainda faz esses artesanatos, alguns desses artesãos estão comprando cano fino de encanação e substituindo o bambu na produção do bajau, porque o bambu dá broca e solta um pó causado por um bichinho que come o material e também porque o bambu está difícil.



Imagem 16 - Canos substituindo bambus para porta-flechas (Bajaú)



Imagem 17 - Porta-flechas tecidos com talas e embiras coloridas

Os meus pais, como já disse, são artesãos. Eles mesmo fabricam e vendem no varejo na oca (loja) e vende no atacado quando há encomenda dos próprios parentes. Às vezes vão pessoas na casa do meus pais à procura dos arcos e flechas enfeitados de pena para comprar, outras vezes encontram uns dez ou quinze prontos e outras ainda fazem a encomenda desses artesanatos. Percebo que meus pais questionam muito a respeito do pati para dar conta da encomenda.

Quando meu pai vai à mata à procura do pati ou da embira, ele vai sempre sozinho ou às vezes acompanhado de um colega que é artesão, nisso quando o pati fica difícil de encontrar na mata meu pai costuma comprar as toras de pati de outras pessoas não indígenas de outra cidade que vai vender em Coroa Vermelha para quem trabalha com o pati.

Por meus pais serem artesãos acabei aprendendo a confeccionar os artesanatos com eles desde meus dez anos de idade, aprendi a tecer os arcos e flechas, aprendi a fazer maracá de bambu tecido com a palha do xandó e a embira, enfeitar os artesanatos com pena, aprendi um pouco de cada coisa. E convivendo e vivenciando na minha casa o dia-dia do meu pai Dioca e da minha mãe Maria, trabalhando na confecção dos artesanatos de pena de galinha, tala do xandó, embira e entre outros, passei a observar que meu pai trabalha só na parte da fabricação do arco e flecha. Primeiro ele acorda bem cedo pelo ou menos uma vez na semana para ir até a mata buscar esses materiais.

Hoje o pati é ainda uma matéria prima muito utilizada pelo povo pataxó da aldeia Coroa Vermelha na fabricação de vários modelos de artesanato, apesar das dificuldades encontradas, até porque há um índice muito grande de variedades de artesanatos que não são características pataxó e que são comercializados.

Os artesanatos indígenas feitos pelos próprios indígenas da aldeia estão cada vez ficando mais difíceis. Hoje o pati já não é encontrado com tanta facilidade como era antes. Alguns anos atrás havia um número maior de artesãos que só trabalhavam com o pati. Atualmente esse número caiu bastante e muitos indígenas trabalham com outros materiais que não são indígenas, e alguns compram no atacado de quem ainda produz o artesanato feito do pati. Há um modelo de lança que chamamos de original que pode ser pequena ou grande que é a mais trabalhada com corte de vários desenhos, o conjunto de arco e flecha, o palito de cabelo que chamamos de charri, espada e outros artesanatos feitos com o pati.

Para trabalhar com esse artesanatos do pati é preciso também de outros materiais para complementar no acabamento final, deixando o artesanato mais baixú (bonito). A embira, que também é uma matéria prima extraída da fibra fina da entrecasca da madeira, é usada para fazer corda e para tecer e amarrar os arcos na lança; a tala de um pequeno coqueiro do xandó, que é uma planta nativa da beira da praia, é utilizada para tecer, e a fibra fina, que é raspada de faca; por fim vem a pena de galinha, que pode ser colorida com tinta de anilina ou pode ser natural para fazer o enfeite final dos artesanatos a serem vendidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Enciclopédia de Palmeiras Cultivadas (www.tropicalpaisagismo.com.br), acesso em 30 de abril de 2017.

FUNAI, *Manual das atividades de etnoturismo na Reserva Pataxó da Jaqueira./Aldeia Pataxó da Jaqueira/ Bahia*. Rio de Janeiro, Museu do Índio – FUNAI, 2011.

NEVES, Sandro Campos. *Produção, Circulação e Significados do Artesanato Pataxó no Contexto Turístico da aldeia de Coroa Vermelha, Santa Cruz Cabralia-BA*. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2011.

SOARES, Zilda Matos. *Luta e Resistência na Aldeia Coroa Vermelha: a história de senhor Itambé e Dona Mirinha*, Monografia de graduação, Belo Horizonte, Maio/2016.

SOUZA, Arissana Braz Bomfim de. *Arte e identidade: Adornos Corporais Pataxó*. Dissertação de mestrado UFBA, Salvador, 2012.

ENTREVISTAS:

Ubiranan Pataxó, aldeia Coroa Vermelha 16 de julho de 2016, (filho do pajé Itambé)

Domingos Rodrigues de 57 anos, aldeia Coroa Vermelha 13 março de 2017,

Maria da paixão Graciano Alves, moradora indígena da aldeia Pataxó Coroa Vermelha em 13 de Março de 2017.

Kanátyo Pataxó, cacique da Aldeia Muã Mimatxi

Santos, Amilton Alves dos{Kapimbará} Aldeia Coroa Vermelha, Território Indígena Pataxó, Santa Cruz Cabralia/BA 19 de julho 2016, entrevista cedida a Edleuza Alves dos Santos.

Matos Alberto do Espirito Santos (Pajé Itambé) Aldeia Coroa Vermelha, território Indígena Pataxó, Santa Cruz Cabralia BA, 16 de julho de 2016, entrevista cedida a Edleuza Alves dos Santos.

Venâncio(nome indígena Suí Pataxó) da aldeia pataxó Coroa Vermelha,

Salete (Tainá pataxó) artesã da aldeia pataxó Coroa Vermelha 17 de julho de 2016.

Abdias Alves dos Santos (Dioca).